

Reflexões Sobre a Integração do Feminino

Um Olhar Winnicottiano

Elementos femininos e masculinos puros

Quero começar por expor o meu entendimento sobre os conceitos de *elemento feminino puro* e *elemento masculino puro* que são, na minha opinião, os conceitos mais difíceis de integrar em toda a obra de Winnicott. Talvez porque ele próprio foi fazendo um caminho de elucidação desses conceitos à medida que os ia integrando e à medida que adentrava na construção teórica decorrente dos problemas clínicos que ia encontrando; nomeadamente na análise e compreensão do caso por nós conhecido como *caso FM*. Este caminho não é linear e fica sujeito à interpretação de quem procura aprofundar com rigor o pensamento do autor. Mas o fundamental é que se perceba que a enorme inovação trazida pela elaboração destes conceitos é deixar clara (se não estivesse ainda) a distinção entre uma psicanálise que atenta exclusivamente ao *elemento masculino puro* (a psicanálise clássica, freudiana, e seus derivados) e uma psicanálise que se preocupa com as questões levantadas pelos pacientes cujas dificuldades se encontram ao nível da possibilidade de ser (como era o caso de *F M*).

Em meu entender, o percurso de Winnicott na elaboração teórica destes conceitos, vai no sentido de diferenciar o *elemento feminino puro* do género feminino e o *elemento masculino puro* do género masculino (na nota de rodapé da página 13, em *Explorações Psicanalíticas*, diz claramente que continua a usar estas designações porque ainda não encontrou outras melhores).

Winnicott parece estar consciente da confusão que os termos geram, inclusivamente a ele próprio. Mas a sua linha de pensamento é clara, a meu ver. Os termos descrevem acontecimentos e vivências; não qualidades femininas ou masculinas.

Esta linha de pensamento reforça a ideia de que no núcleo da identidade encontramos o *elemento feminino puro*, quer em homens quer em mulheres. Mas este núcleo mais primitivo, apesar de sustentado no *elemento feminino puro* não é - pelo menos como eu o entendo - necessariamente feminino. Ele reflecte a essência do bebé. Portanto, se o que predomina no bebé é a *feminilidade em potência* e se o ambiente primário desempenha bem o suficiente o seu papel, então, o núcleo será feminino. Mas se o que predomina é a *masculinidade em potência*, o núcleo será masculino, exatamente pela mesma razão, ainda que se continue a tratar de *elemento feminino puro*. Ou seja, a *mãe suficientemente boa* permite ao bebé ser o que ele é; e a base de ser o que ele é, é o seu *elemento feminino puro*; quer ele seja um menino ou uma menina.

Outra coisa ainda, é a dinâmica entre *elemento feminino puro* e *elemento masculino puro* na constituição da personalidade, de que falarei mais tarde. O importante agora é que fique claro que, do que estamos a falar quando falamos em elementos femininos ou masculinos puros é de uma coisa diferente da chamada *bissexualidade psíquica*. Esta, que Winnicott também não negou, é sustentada em factores hereditários que, estes sim, irão determinar uma maior ou menor preponderância do masculino ou do feminino em cada pessoa - foi o que atrás designei como *feminilidade* ou *masculinidade em potência*.

Caso o ambiente primário na fase da *dependência absoluta* não favoreça a integração destes factores em potência, então teremos

complicações na constituição do núcleo mais primitivo de *ser*; reações à intrusão e defesas em *falso self*, como as que observamos no caso *FM*.

Foi desta forma que entendi a sua referência ao factor hereditário.

Cito:

Elementos de fator hereditário também ingressam nisso, de maneira que facilmente seria possível encontrar um menino com um elemento de menina mais forte do que a menina parada ao lado dele, a qual pode possuir menos potencial de elemento feminino puro. (Expl. Psic., p. 142).

Em meu entender, Winnicott está aqui a referir-se aos aspectos femininos e masculinos que constituem a personalidade (a já referida *bissexualidade psíquica*), e não aos *elementos femininos e masculinos puros* (embora a linguagem possa deixar margem para confusão). O que se herda são estes aspectos masculinos e femininos da personalidade; não os *elementos femininos e masculinos puros*. Esses são também passados de geração em geração, mas não por via hereditária; antes, pelo tipo de cuidado passado de geração em geração.

Elemento feminino puro é a essência mais arcaica de cada *ser* e se é há um *espelhamento primário* adequado, ele é o que de mais próximo encontramos da verdade de cada um; seja ela de característica feminina ou masculina. Além disso, a parêntese *activo/passivo*, classicamente associada ao masculino e ao feminino (respectivamente), deixa de caber nesta nova formulação. Activo e passivo são qualidades do impulso, pertencem, ambos ao *elemento masculino puro*. Quanto ao elemento feminino puro, não cabe falar de *ativo* ou *passivo* pois não é da ordem do fazer (Expl. Psic., p. 140)

Portanto, *elemento feminino puro* reflete a experiência de *ser*, *elemento masculino puro* reflete a experiência de *fazer*. Ambos interagem na formação da personalidade e, se o ambiente primário for bom o suficiente, o *elemento feminino puro* comporta sentir-se homem ou sentir-se mulher, enquanto o *elemento masculino puro* revela modos de relação com o Mundo.

Na saúde, o *fazer* (próprio do *elemento masculino puro*) reconecta o indivíduo consigo próprio e com a experiência de *ser* (*elemento feminino puro*). Por isso é que as relações amorosas são tão importantes: porque se o *fazer* está vinculado ao *ser*, o indivíduo sente-se mais vivo e sente-se mais ele próprio com o outro. Mas também é por isso que é tão frequente encontrarmos a busca do *ser* no *fazer* errático que busca parceiros amorosos como se isso pudesse repor a falha no *ser*.

Mas se tudo corre bem e, desde o início, *ser* e *fazer* estão ligados, o *elemento masculino puro* poderá reafirmar o *elemento feminino puro*, assim como a sua ausência poderá dificultar a afirmação do segundo. Em todo caso, seja qual for a circunstância, na saúde, o *elemento feminino puro* virá sempre antes do *elemento masculino puro*. Primeiro o ovo, depois a galinha - sabemos hoje que esse enigma está desvendado: na verdade, foi o ovo que, ao sofrer uma mutação, gerou a galinha.

Inveja do pénis

Para prosseguir nas minhas reflexões, gostava agora de deixar uma pequena nota sobre a forma como entendi a noção de *inveja do pénis*, a partir das propostas de Winnicott.

A meu ver há uma diferença entre uma *inveja do pénis* que poderíamos considerar “normal” na integração da diferença, decorrente do reconhecimento de que não somos onnipotentes; nomeadamente na chamada *fase fálica* - com correspondência para o que poderíamos chamar *inveja da vagina* nos rapazes (com auge também na fase fálica e traduzida pela inveja da capacidade de engravidar e gerar vida) - Ambas referentes ao facto de nos percebermos incompletos e de reconhecermos na diferença o que nos falta - que corresponderia, na fantasia infantil, às elaborações imaginativas primitivas das componentes da *identidade sexual* complementares ao sexo biológico, na linha do que nos aponta Winnicott em *Natureza Humana* (p. 62).

Outra coisa seria o que poderíamos chamar uma *inveja do pénis* patológica (e a meu ver, a correspondente *inveja da vagina* patológica). Aqui, creio que não a podemos dissociar da *inveja do seio* observada por Winnicott quando o bebé, na fase da *dependência absoluta*, está perante um seio que “faz” e não de um seio que “é”. Isto é, quando o bebé é forçado a reconhecer que o que precisa vem de fora.

Em condições suficientemente boas, não há por que ter inveja do seio, já que se é o próprio seio. Mas quando tal não acontece - perante um seio que “faz” - o bebé é forçado ao contacto com o diferente antes de ser ele mesmo; vivendo-se impotente e submisso a algo maior e irremediavelmente inalcançável. Se tudo o que é bom vem de fora, é natural que se inveje essa idealização mágica engendrada por uma *mente* precocemente ativada e criam-se então condições para a *inveja patológica* - *do pénis*, *da vagina*, do relógio Gucci, ou de tudo o que é visto como diferente e ideal, de preferência inalcançável; simplesmente porque se acredita que isso que não se tem, traria a tão necessária completude. Temos, então, uma inveja vivida de forma patológica; *objetificada*, concreta e alegórica; em que se percebe a

falência do *símbolo* e do *espaço potencial*. Ora sem *espaço potencial* não é possível *amar* nem ter *sexualidade*. E para que aconteça o *espaço potencial* tem que ser possível recriar a *ilusão de onipotência* bruscamente interrompida, se é que chegou a ser a florada. Só assim será possível recuperar a linha de amadurecimento saudável precocemente interrompida.

Dinâmica entre os elementos femininos e masculinos puros na integração da identidade

Mãe-ambiente e *mãe-objeto* estão presentes desde sempre na vida do bebê. No entanto, na fase da *dependência absoluta*, a mãe abdica das suas exigências para se oferecer ao bebê recém-chegado; tornando-se ambiente e formando com ele uma unidade em que tudo o mais é silenciado e em que o existe é o bebê.

Neste estado de comunhão absoluta, a mãe põe o bebê no centro da sua existência, permitindo-lhe a vivência de ser o centro do mundo. O bebê encontra assim, sem que disso se aperceba, um ambiente que permite a continuidade entre a experiência intra-uterina e a experiência de encontro com o mundo, muito antes de o perceber como mundo. Começa então a encontrar-se e a encontrar o ambiente, sem que uma coisa se distinga da outra. Ele é um pequeno criador. E, uma vez mais, se ele tem tudo o que precisa, não há razão nenhuma para nenhum tipo de inveja. Ele é pleno, completo. Se o mundo é predominantemente bom e generoso, é ele que é predominantemente bom e generoso; e é dele que veem as soluções quando algo corre mal. Neste encontro com o mundo, sempre respaldado pelo *elemento feminino puro*, existe já - na minha opinião - a facilitação do *elemento masculino puro* do bebê e é deste encontro que resultará a constituição da *identidade primária*. Note-se que continuo a sustentar que o ambiente continua a ter que ser (*elemento feminino puro*). No entanto,

adaptado que está ao bebê, permite, não só a emergência do gesto como a sua completude. Assim, na minha opinião, a saúde está apoiada simultaneamente na constituição do *elemento feminino puro* e na constituição do *elemento masculino puro*, embora o primeiro venha em primeiro lugar, pois é preciso primeiro que se criem condições para a emergência do gesto. Mas é preciso também que se facilite a sua realização - é preciso que o bebê encontre o que precisa para que o gesto se complete e não se perca.

A identidade primária do bebê resulta então desta complementaridade entre *elemento feminino puro* e *elemento masculino puro* e nela encontramos já o núcleo da identidade de gênero. Cria-se então um círculo que começa no *elemento feminino puro* e termina no *elemento masculino puro*, para depois o *elemento masculino puro* voltar a reconduzir ao *elemento feminino puro*, e assim por diante, num movimento incessante que - se não for traumáticamente interrompido - está na origem da identidade pessoal e criativa.

É sabido que o bebê *usa* o ambiente muito antes de ter acesso ao *uso*, embora seja um *uso* que não reconhece o outro como diferente e exterior. Sendo assim, o que tem que acontecer não é que o bebê não tenha acesso ao *fazer* (*elemento masculino puro*), mas antes que o *fazer* possa, desde as fases mais primitivas, emergir do *ser*. Para isso, é preciso que a mãe *seja*, e não que *faça*. É preciso que ela abdique de ser *objeto* e se ofereça como *ambiente*, substrato de integração da *identidade primária* do bebê.

Se tudo correr bem, neste contexto de *adaptação absoluta*, o bebê encontra-se a si próprio no ambiente e vai integrando uma matriz de relação com o mundo em que o *fazer* confirma o *ser*. Evidentemente, esta dinâmica primitiva só poderá ser apropriada de forma mais completa, na fase do *uso*

do objeto. Aí, com a intervenção dos *fenómenos transicionais*, e progressiva mudança nas relações com o mundo, abre-se caminho para a diferenciação dentro-fora, eu-outro, que sustenta as aquisições posteriores como a afirmação do *eu sou* e o acesso a um *mundo interno* onde se irão processar as conquistas do *círculo benigno*, a resolução de *conflitos edipianos*, etc.

Nesta minha na minha leitura, a *identidade primária* é logo à partida uma *identidade de género* (seja ele qual for), pois ela é marcada, desde logo pela preponderância de factores hereditários femininos ou masculinos. Ou seja a *identidade de género* (seja qualquer for o género em causa) é forjada desde a fase mais precoce (incluindo a fase intra-uterina); pois a *elaboração imaginativa das funções corporais* está presente desde sempre na vida do bebé, e isso não é diferente para a *elaboração imaginativa* das funções corporais ligadas ao *género* e à *sexualidade*. Claro que não estou a dizer que o senso de *sexualidade* e o senso de *género* estejam presentes desde sempre, como também não se pode dizer que um bebé pequeno consiga associar, de imediato o seu desconforto à fome ou ao frio. Tudo isso é resultado de um longo e contínuo trabalho - sustentado no tempo pelo *ambiente suficientemente bom* - de integração das *elaborações imaginativas das funções corporais*, bem como das restantes possibilidades de existência; como a *integração do espaço*, do *tempo* e das *relações objetais*. Mas o que importa realçar agora é que o trabalho das *elaborações imaginativas das funções corporais* está presente desde sempre e é substrato de toda a existência humana, permanecendo, na saúde, até à morte.

No caso da menina, encontramos, na obra de Winnicott, a referência a *elaboração imaginativa das funções corporais* ligadas à *vagina*:

A vagina torna-se provavelmente ativa e excitável no momento da amamentação e das experiências anais, mas o funcionamento genital feminino verdadeiro tende a permanecer oculto ou até mesmo secreto” (...) e “normalmente a fantasia é da ordem do recolher, do guardar em segredo, do esconder.” (...) “ O jogo “sabe guardar um segredo?” pertence tipicamente ao lado feminino da natureza humana, assim como o lutar e o enfiar coisas em buracos pertence ao lado masculino.”

(N. H., p. 64)

Será então possível - com suporte no ambiente *suficientemente bom* - a *identificação primária (elemento feminino puro)*, e simultaneamente a *facilitação de um fazer integrado desde início (elemento masculino puro)*; conduzindo, também desde o início à *integração da identidade e da sexualidade feminina*. Nas fases de amadurecimento posteriores ocorre, ou não, a *confirmação destas experiências primárias*; agora com o *elemento masculino puro* em destaque: após a fase *uso do objeto*, o *eu sou* dará então outro sentido ao *eu faço* (Nat. Hum., p. 11).

Na saúde, a experiência da sexualidade, inscrita na dimensão do *fazer (elemento masculino puro)*, integra e permite o reencontro como o *elemento feminino puro* onde se inscreve a vivência de *gênero* (seja ele qual for). Neste sentido, o amor maduro (neste caso, sexual) recria um *espaço potencial* em que o indivíduo é cada vez mais *ele próprio* ao mesmo tempo que retoma a *vivência subjetiva* de ser o *outro* (ou do outro ser o próprio). Não esqueçamos que em condições saudáveis nunca se perde a *experiência subjetiva*. Pelo contrário, ela será substrato do espaço de mutualidade que simultaneamente une e separa; lugar privilegiado de intimidade. É por isso que o amor saudável habita todos os espaços e todos

os tempos; do *mundo subjetivo* à *realidade objetiva*; ambos integrados no *espaço potencial*, lugar onde habitam as pessoas amadurecidas. Do mesmo modo, o encontro de corpos no encontro sexual saudável, mobiliza as *elaborações imaginativas primitivas*, reafirmando a integração psicossomática e o alojamento da psique no corpo.

O amor materno, por seu lado, remete para o “*ser mãe*” (*elemento feminino puro*) que retoma a experiência de ter sido cuidado. Experiência essa que também aqui, na saúde, se funde com o *fazer* (*elemento masculino puro*). Isto é, cuidar só pode ser saudável (não mecanizado, não funcional) se integrar a dimensão de “*ser*”. “*Ser mãe*” é, antes de mais, cuidar e este cuidado atualiza o *elemento feminino* puro transmitido de geração em geração.

Caso falte uma ou outra componente (*elemento feminino puro* ou *elemento masculino puro*) a *identidade* e as *relações objetais* ficarão prejudicadas.

Vejamos dois casos da minha clínica pessoal.

Maria é uma mulher criativa e de grande sucesso profissional, mas com grandes dificuldades como mãe e totalmente incapaz nas relações amorosas. Não acerta, embora procure quase obsessivamente. Ora tem relações abusiva, com homens que nada têm para lhe oferecer, ora se defronta com a sua enorme dificuldade na entrega amorosa e sexual. Ama os filhos e quer o melhor para eles, mas nem sempre tem calma suficiente para os compreender, está sempre apressada e preocupada com as suas próprias angústias.

Rita é uma mãe devotada, com grande capacidade de empatia pelos filhos, feliz como esposa, mas incompleta profissionalmente. Sente-se sem direção, não consegue fazer escolhas e adentrar numa profissão que lhe trouxesse realização.

Ambas na casa dos trinta/quarenta anos.

Pela impossibilidade de expor detalhadamente cada caso, direi apenas que Maria teve claramente uma mãe que “faz”. Rita parece ter tido uma mãe que a deixou ser, mas que não terá facilitado convenientemente a concretização do gesto. Maria tem um déficit no começo e parece procurar corrigir essa falha através do *fazer (elemento masculino puro)*. Rita tem começo (*elemento feminino puro*), mas falta-lhe o fim. Maria é sem dúvida, a mais prejudicada, mas ambas sentem falta do que lhes falta. Rita não deixa dúvidas sobre a aquisição consistente da sua feminilidade, na sua dimensão materna e sexual, mas algo relativo ao “*elemento masculino puro*” parece ter falhado. Maria parece sobrepor o “*fazer*” ao “*ser*”.

Conclusão

Winnicott não se referiu especificamente à noção de *género* ou de *identidade de género*, mas é possível tecer algumas considerações a partir das contribuições que ele nos deixou.

Ser mulher (e ser homem) terá que corresponder ao *ser* mais próprio de cada um. Por isso não há como distinguir *identidade* de *identidade de género*. Não há uma *identidade*, por um lado é uma *identidade de género* por outro. A constituição da *identidade* engloba o senso de género, e dependerá do interjogo entre *elemento feminino puro* e *elemento masculino puro*, na dinâmica que conduz à emergência do *ser* no final da fase da

dependência absoluta. Com a abertura aos *fenómenos transitivos* e o acesso ao uso do objeto, o “fazer” (*elemento masculino puro*) é posto em evidência, ainda que não perca a ligação ao “ser” (*elemento feminino puro*), num movimento de afirmação identitária ao longo da vida.

Temos, então duas formas de observar a dinâmica entre os *elementos femininos e masculinos puros* ao longo do amadurecimento. O ponto de vista que aborda os processos envolvidos na fase da *dependência absoluta*, onde observamos a facilitação, pelo ambiente, da integração dos *elementos femininos e masculinos puros* do bebê (estados de não integração que conduzem à concretização do gesto). Processos estes, sustentados por uma mãe que “é”, e não por uma mãe que “faz”. E, por outro lado, temos o ponto de vista que observa a linha maturacional que se percorre na saúde, onde o “fazer” se destaca, na fase da *dependência relativa*, conferindo um sentido particular à expressão “o ser antes do fazer”. Em qualquer dos casos, o “ser” antecede o “fazer”: primeiro o começo (o estado de não integração de onde surge o gesto), depois o fim (a *completude do gesto*); primeiro a *identidade*, depois a *sexualidade*; primeiro o *ego*, depois o *Id*; primeiro a *integração psicossomática*, depois o *desejo* e a *vida relacional*; à semelhança de uma filogenia que confirma a ontogenia.

Na clínica, temos muitas vezes que sustentar a experiência de “*nada no centro*” (Winnicott,) para que possam ocorrer os fenômenos que levam à constituição do “ser”, cuidando para que o “fazer” não se interponha, e sem sucumbir à tentação de oferecer um “terceira perna”, como dizia a maravilhosa Clarisse Lispector no seu livro “Paixão segundo GH” (p. 9).